

ZEDEQUIAS MANGANHELA:
NOTAS PARA UMA RELEITURA
DAS RELAÇÕES ESTADO COLONIAL-
-IGREJAS PROTESTANTES,
NA DÉCADA DE 70

Teresa Cruz e Silva
Investigadora do Centro de Estudos Africanos

ZEDEQUIAS MANGANHELA:
NOTAS PARA UMA RELEITURA DAS RELAÇÕES
ESTADO COLONIAL - IGREJAS PROTESTANTES,
NA DÉCADA DE 70

INTRODUÇÃO

Os anos 60 são marcados por um crescimento do movimento nacionalista nas colónias portuguesas e o desenrolar de acções de luta armada. Como medida de retaliação, o Estado Colonial intensifica as acções repressivas com o incremento de prisões, tortura e todo o tipo de violência. Com a escalada da guerra na década 70 há um agravamento da política repressiva do Estado.

A Igreja, inserida na sociedade, não podia ignorar as situações de injustiça social e violência contra a população e as consequentes lutas sociais que se iam desenvolvendo.

A Igreja Católica, enquanto instituição, mantinha ligações estreitas com o Estado Colonial, que em 1940 havia formalizado a sua relação com o Vaticano através da assinatura da "Concordata" e do "Acordo Missionário". Em 1941, com a publicação do decreto de execução e com o "Estatuto Missionário", estavam criadas as condições para a legitimação e justificação da política do colonialismo português¹.

(1) Depois da proclamação da República Portuguesa em 1910, a Igreja Católica foi vítima de um forte movimento anti-clerical marcado por perseguições a ordens religiosas. Sem protecção e subsídios financeiros, as Missões Católicas passaram por períodos difíceis. Em finais da década surgem indícios de um relacionamento mais favorável com o Estado, mas é depois do golpe de Estado de 1926 e o consequente estabelecimento de um regime fascista que se começa a pensar no papel das Missões como instrumentos fundamentais para a "civilização" do Ultramar.

No período pós-Concílio do Vaticano II (1962-65) a hierarquia religiosa da Igreja Católica em Portugal foi atingida por mal-entendidos relativos aos territórios ultramarinos; a ideia de uma separação entre a Igreja e o Estado, defendida por uma ala mais progressista, entrava em contradição com a manutenção de um poder político caminhando de mãos dadas com a Igreja.

Em Moçambique, a situação política criada pelo regime contribuiu favoravelmente para o crescimento de tensões no seio da Igreja Católica, levando a que algumas denominações (exclusivamente não portuguesas) ou indivíduos assumam posições diferentes das assumidas pela sua instituição, recusando-se a fazer o jogo do poder e contestando a ambiguidade do papel jogado pela sua Igreja. Na sequência destas posições, ordens religiosas e indivíduos acabaram por ser expulsos do país, ou feitos prisioneiros².

As Igrejas Protestantes, embora autorizadas a trabalhar nos territórios ultramarinos nunca foram vistas com bons olhos pelo Estado Português que considerava as suas actividades perigosas e com tendências para "desnacionalizar" os Moçambicanos. O alinhamento da Igreja Católica com o Estado, depois da proclamação do "Estado Novo", dificultou ainda mais as suas actividades nas áreas sociais. Discriminadas pelo sistema colonial elas criam um espaço de reflexão e crítica ao próprio colonialismo. Os seus métodos de trabalho com a juventude e as comunidades em que estão inseridas estimularam a criação de condições básicas para o desenvolvimento de uma consciência política. É de destacar neste processo a pedagogia de educação da juventude introduzida pelos missionários suíços, cuja experiência se estendeu com sucesso à Igreja Metodista, os chamados "mintlawa"³ que tinham por objectivo fundamental dar

- (2) No seio da Igreja Católica em Moçambique as denominações que assumiram posições favoráveis à mudança e que repudiaram e denunciaram publicamente a forma de actuação do governo colonial português eram exclusivamente não-portuguesas, embora neste processo se possam destacar nomes de indivíduos portugueses, que acabaram por ser presos ou expulsos de Moçambique. Não temos conhecimento de qualquer declaração ou posicionamento público tomado por sacerdotes moçambicanos neste período. Refira-se que as denominações estrangeiras em Moçambique só podiam trabalhar com o sancionamento das autoridades portuguesas e que os primeiros prelados moçambicanos só são designados depois dos Acordos de Lusaka.
- (3) "Mintlawa" é uma palavra tsonga que significa grupos. Inicialmente inspirados nas "patrulhas" da juventude suíça, os missionários suíços e quadros da Igreja Presbiteriana de Moçambique conseguiram criar um sistema de educação da juventude adaptado a Moçambique e inspirado nos valores

uma educação cristã, criando um espírito de responsabilidade e solidariedade entre os jovens.

A revista "L'Actualité Missionnaire" (4) de 1972⁴, publicou um artigo intitulado "A Igreja Presbiteriana de Moçambique Sofrendo Duramente", do qual transcrevemos os seguintes extractos⁵:

"A 23 de Junho, o Departamento Missionário transmitiu à imprensa protestante o seguinte comunicado:

"No quadro de uma recente vaga de prisões em Lourenço Marques, o presidente, o vice-presidente e alguns membros responsáveis da Igreja Presbiteriana de Moçambique, cerca de 20 africanos foram detidos. Ignoram-se até agora, as causas das suas detenções. A Igreja Presbiteriana de Moçambique trabalha em estreita ligação com o Departamento Missionário das Igrejas Protestantes da Suíça Romana (Missão Suíça) e cerca de quarenta missionários suíços estão actualmente ao serviço desta Igreja."

(...) O "Star" de Johannesburg, falou de mais de 1800 pessoas. Dos responsáveis e membros da Igreja Presbiteriana de Moçambique que foram detidos, temos apenas conhecimento dos seguintes nomes:

- pastor Zedequias Manganhela, presidente do Conselho Sinodal, 60 anos;*
- pastor Casimiro Matié, vice-presidente do Conselho Sinodal, 64 anos*
- pastor Abrão Aldasse da paróquia de Khovo, em Lourenço Marques, 67 anos;*
- pastor Gabriel Mácavi, antigo presidente do Conselho Sinodal, reformada, 75 anos;*
- os evangelistas Mário Sitói e Ernesto Mulhanga, ambos rondando os sessenta anos;*
- Ananias e Salvador Maússe, respectivamente trabalhador do laboratório e enfermeiro do hospital da Igreja Presbiteriana de Lourenço Marques.*

Por outro lado, o tesoureiro da paróquia do Khovo, em Lourenço Marques e mais 10 anciãos da mesma paróquia foram igualmente detidos, embora ignoremos os seus nomes.

"tradicional" dos pequenos pastores e crianças do campo, acrescidos de outros valores educacionais. Utiliza-se frequentemente a expressão patrulhas, ou juventude, para designar os mesmos grupos.

(4) Revista editada pelo "Département Missionnaire des Eglises Protestantes de la Suisse Romande".

(5) Tradução livre.

Mais tarde, tomámos conhecimento que dois membros laicos da paróquia de Antioca-Macuvulane, a mais de 100 km a noroeste de Lourenço Marques, foram também aprisionados.

Estes homens foram literalmente apanhados nos seus lugares de trabalho ou em suas casas (...).

As acusações que pesam sobre os prisioneiros deverão ser de carácter político. A polícia declara que as prisões visam as pessoas enquanto indivíduos, mas que a Igreja Presbiteriana como tal e os missionários estrangeiros ao seu serviço não são considerados implicados. As Igrejas Romanas e o seu departamento missionário sentem-se, contudo, tão ressentidas e tocadas com estas duras prisões, quanto a Igreja Presbiteriana (...)"

As prisões massivas realizadas em 1972 pela polícia política portuguesa, que se saldaram na morte do Pastor Manganhela e do Pastor Sidumo, ambos da Igreja Presbiteriana de Moçambique, visando encontrar possíveis ligações entre Igrejas Protestantes (e neste caso específico, a Igreja Presbiteriana) e a FRELIMO permitem-nos fazer uma leitura clara não só do culminar de um processo crescente das tensões entre o Estado e as Igrejas Protestantes, como também da situação política mais geral que se vivia em Moçambique nos finais do período colonial.

Este artigo tem por objectivo trazer uma pequena contribuição para uma releitura das relações Estado-Igrejas Protestantes em finais do período colonial, tomando como base algumas notas de investigação por nós acumuladas sobre a Igreja Presbiteriana de Moçambique (Missão Suíça) e sobre Zedequias Manganhela e alguns dos seus companheiros de prisão.

1 - ZEDEQUIAS MANGANHELA, UM PERFIL

1.1 - Breve Biografia

Zedequias Ngoti Manganhela, nasceu a 25 de Outubro de 1912 em Salamanga, na Província de Maputo. Com cerca de 14 anos entra na "Missão Suíça" de Txhetxa, em Matutuine, sob a protecção do casal de missionários Luvoisin, onde estuda até 1930. Frequentou ainda as escolas de Khovo (Lourenço Marques); Ricatla (Marracuene) e o Seminário Teológico Evangélico de Carcavelos, em Portugal, para além de ter feito o curso de professor primário em Alvor, que terminou em 1937.

Em 1940 casou-se com Leonor Hunguana, com quem teve 5 filhos.

Tendo-se iniciado como catequista em 1933, na região de Maputo, entre 1938 e 1945 exerceu as funções de professor-catequista em várias escolas de campo.

Ordenado Pastor em 1948, trabalhou em Maputo, Catembe, e mais tarde no Chamanculo.

Em 1963 foi eleito Presidente do Conselho Sinodal da Igreja Presbiteriana de Moçambique.

Depois do Sínodo de Chicumbane em 1968, no qual a Igreja prioriza o trabalho com as Províncias do Norte, Manganhela passa a visitar regularmente esta zona do país, trabalhando com o Pastor Khossa a residir desde essa altura em Nampula. Ainda no âmbito do seu trabalho visitou a África do Sul, Brasil, Suíça, Portugal, França, Inglaterra e Malawi.

A 11 de Dezembro de 1972, Zedequias Manganhela é encontrado morto na sua cela⁶, indo a enterrar a 13 do mesmo mês depois de um serviço fúnebre realizado na Igreja do Khovo, em Lourenço Marques, com a participação de centenas de pessoas.

(6) De acordo com as fontes oficiais o relatório da autópsia revelou que Manganhela se havia suicidado por enforcamento.

1.2 - Ele tinha um objectivo, a liberdade

Pouco conhecemos da sua personalidade. No entanto, vale a pena referir algumas memórias que os nossos informadores guardaram de um Manganhela determinado, corajoso e muito amigo da gente jovem.

Valente Matsinhe⁷ travou conhecimento com Manganhela quando ainda era jovem. Das suas memórias registámos:

"(...) sempre me impressionou, por exemplo, a sua maneira de ver as coisas, a sua personalidade. Para mim foi grande! (...) e era um Pastor muito aberto, e tinha muita compreensão para os jovens (...). Ele tinha um objectivo, sabia o que era e já falava de liberdade, da independência do país, de uma maneira ... nas suas alocações já se sentia que estava a sentir a liberdade do país (...). Por exemplo, dizia que nós estamos a crescer, não voltamos para trás. Se nós estamos a viver num país desenvolvido até hoje, depende de nós. A libertação de um homem não pára por aqui (...) dizendo que a pessoa só se sente livre e realizado quando se sente livre na sua zona, no seu país, sabendo que sou o dono do país, sou o dono da minha terra, não estou a ter terra através dos outros(...).

Oriente Sibane⁸, ao falar-nos de Manganhela refere-se ao seu interesse pelos jovens com quem trabalhou muitos anos como instrutor, professor e catequista:

"(...) Também sabia muito bem lidar com as crianças, e daí, também com os jovens. Admiravam-no muito porque de facto ele tinha uma personalidade que atraía muita gente. Mas também ele era uma pessoa (...) não violento! Era uma pessoa que conseguia conviver com os jovens(...) via no jovem uma pessoa que deve ter um futuro, e daí conseguia conviver com a juventude (...) Fala-se que talvez ele indicava um amor pela liberdade(...)"

-
- (7) Valente Matsinhe é presentemente administrador-geral da Igreja Presbiteriana de Moçambique. Esta entrevista foi-nos concedida em Maputo, a 27/07/92.
- (8) Oriente Sibane, Pastor da Igreja Presbiteriana de Moçambique, é presentemente o pároco do Khovo, em Maputo, e Presidente do Sínodo da Igreja Presbiteriana de Moçambique. Depois da morte de Manganhela, foi seu substituto na Paróquia do Chamanculo. Esta entrevista foi-nos concedida em Maputo, a 28/07/92.

Referindo-se à sua determinação e coragem, os seus companheiros de prisão apresentaram os seguintes depoimentos:

"(...) O Manganhela não morreu, não se suicidou! Um homem com um carácter daqueles vai-se suicidar? Não gostava da vida? Não, alguém pode matar. Ele matar-se? Não! ⁹".

"A crença de Manganhela, na verdade, era muito forte. No dia 11 de Junho de 1972, último Domingo antes de ser preso, ele fez uma pregação em que disse: "Um cristão deve resistir à tentação. Resistir sempre; deve ser como uma bússola, que quer em terra como no mar ou no ar aponta sempre para o Norte: u dumbeka lu yisa ku feni - ser firme até à morte"¹⁰

2. PORQUE MATARAM MANGANHELA?

2.1 - A Opinião de alguns testemunhos

2.1.1 - Casimiro Matié ¹¹:

"(...) Tivemos um Sínodo em Antioca, depois do Sínodo voltámos ...

- (9) Casimiro Matié, actualmente com 86 anos, reformado e vivendo em Chicumbane, foi detido na mesma altura que Manganhela e outros membros da Igreja Presbiteriana. Na altura da sua prisão, era Vice-Presidente do Conselho Sinodal. Entrevista concedida a Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, em Chicumbane a 29/01/93.
- (10) Depoimento de Mafundene Mário Siteo, preso pela PIDE juntamente com Manganhela. In: HONWANA, Gita (1983) UM EPISÓDIO DE JUSTIÇA COLONIAL: O CASO DE ZEDEQUIAS MANGANHELA. "Justiça Popular" (7) Maputo: Ministério da Justiça. pp. 18-19.
- (11) Entrevista concedida a Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José em Chicumbane, 29/01/93.

na segunda, terça e quarta-feira começaram as prisões. Então, Manganhela foi preso na quarta-feira, e eu preso na quinta-feira. Foram presas à volta de 1800 pessoas, naquele tempo, de várias Igrejas, mas em especialmente em redor da Igreja Presbiteriana. Havia católicos, maometanos também havia, porque o ponto essencial era prender toda a gente, era procurar acusações contra o Manganhela. O ponto principal da acusação era: carregar dinheiro para levar à Tanzania, quando vai ao Norte visitar os crentes. Essa era a lógica deles. Isso é o fundo do problema. Então, tudo em redor rodava sobre este ponto, porque eles estavam a construir um processo muito grande para o tribunal de Haia, e depois para a Missão Suíça ser expulsa, é isto o fulcro!

De maneira que fomos presos. Ele foi na quarta, e eu com o Macávi e outros fomos na quinta-feira. O Manganhela entrou em investigação, logo! desde que entrou em Junho, entrou logo em investigação. Eu então, fiquei guardado... Junho, Julho, Agosto ... parece que a investigação veio só em Setembro (...). Eles colocam a você ... não come bem, não come nada ... perde o juízo ... tudo o que eles perguntam, você diz sim! (...) escrever ... escreve e assina. É isso que eles fazem!¹²

(...) Agora porque é que mataram Manganhela? Essa é a base, não há outra coisa. É futebolista, é aquele do bazar, é aquele zionista ... todos aqueles que tinham dinheiro para o movimento deles foram coleccionados para justificarem que deram dinheiro ao Manganhela (.. .) Então, o que é que aconteceu? É que todas as organizações aceitaram ... demos dinheiro ao Manganhela. ... demos dinheiro ao Manganhela. Mesmo membros, zeladores da nossa Igreja, aceitaram que deram dinheiro ao Manganhela. Aceitaram! (...) Depois então o Manganhela recusou. Para eles encerrarem e inutilizarem tudo aquilo lá, tinham que bater no Manganhela, e mataram mesma. O Manganhela não se suicidou! (...)¹³

(12) O entrevistado pretende com estas palavras enfatizar como através de privações físicas, castigos corporais e torturas psicológicas a PIDE/DGS podia levar os prisioneiros a assinarem falsos depoimentos.

(13) Matié pretende mostrar mais uma vez que a PIDE/DGS não olhava a meios para conseguir testemunhos que pudessem incriminar Manganhela. Nesse processo, foram detidos não só indivíduos ligados a Igrejas como membros de associações desportivas, recreativas, etc. supostamente por utilizarem os fundos da colectividade para apoiarem a FRELIMO, através de Manganhela. No Anexo 1, contendo os artigos de acusação contra Matié, podem-se encontrar alguns elementos que clarificam o depoimento do entrevistado.

2.1.2. Georges Andrié ¹⁴:

"Entre Maio e Junho de setenta e dois, juntamente com um colega meu, já falecido, fiz uma viagem de serviço à África do Sul e a Moçambique. Nessa altura, o Senhor Manganhela era presidente do Conselho Sinodal.

Tivemos um encontro confidencial do Conselho Sinodal, em Chicumbane, e eu estava encorregado de (...) interpelar as autoridades presbiterianas acerca de um problema ou de uma interpelação que precisamente vinha do Conselho Ecumênico das Igrejas. A interpelação era a seguinte: i) será que os missionários suíços devem sair de Moçambique, visto que a presença deles em Moçambique é de um certo mado devida à autorização da autoridade colonial? ii) será que a presença de missionários suíços expressa mais uma ligação com o poder colonial do que um compartilhamento (...) da vida com os moçambicanos? (...)

Quando eu fui, no fim de Maio de 72, tivemos este encontro em Chicumbane, e fomos precisamente a Chicumbane para tentar escapar aos "xiphixi"¹⁵, como dizem. (...) Não sei se a PIDE, soube, tenho a impressão que soube, não é?

(...) Os responsáveis e os guias da Igreja disseram que para eles (...) havia mais razões positivas de continuar a colaboração que parar porque sempre, afinal, fomos considerados pelas autoridades coloniais como pessoas (...) non grata ... não é?

(...) Depois, fizemos uma longa viagem até Nacala, Nampula, os dois juntos, com o Senhor Manganhela, e eu deixei Moçambique nos primeiros dias de Junho, e foi ... parece-me a 14 ... 14 de Junho que o Sr. Manganhela e os outros colegas anciãos e Pastores foram presos.

Eu faço uma relação íntima entre esta viagem, este Conselho Sinodal e a prisão, embora a prisão tivesse sido parece ... decidida num compo muito mais vasto (...). Porque depois, quando lemos os documentos, os autos de acusação, fala-se desta viagem ao Norte, não é? Como se decorrente da viagem do Senhor Manganhela, se tivessem, organizado

(14) Georges Andrié trabalhou muitos anos como Pastor em Moçambique, tendo sido um dos elementos mais activos na tentativa de solução do problema dos presos da Igreja Presbiteriana em 1972. Fazendo parte da missão do DM que fez denúncias públicas destas prisões e mortes, tendo neste processo sido recebido por M. Caetano e outras individualidades. Entrevista concedida a Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, em Lausanne, a 30/10/85 e a Teresa Cruz e Silva, em Lausanne, a 1/11/85.

(15) Referindo-se aos agentes da PIDE, literalmente gato.

fundos para a FRELIMO, etc. Tivemos a impressão, desde a Beira (...) que éramos seguidos por um agente da PIDE. Vivemos um momento muito desagradável no aeroporto da Beira, e eu sempre interpretei, depois disso, que estavam na pista (...)!"

2.2 - Os Autos de acusação

"Zedequias Manganhela foi acusado pela PIDE de "exercer actividades subversivas a favor da independência de Moçambique", tendo sido preso, sem admissão de caução por recear-se que uma vez em liberdade, procurasse furtar (sic) à acção da "justiça" ¹⁶."

Nos autos de perguntas¹⁷, o interrogatório centra-se em questões sobre as suas ligações pessoais com Eduardo Mondlane e a discussão entre ambos acerca da criação de um partido clar.destino visando a independência de Moçambique, em 1961, bem como sobre um apoio para a FRELIMO que Mondlane teria pedido a Manganhela, em 1963.

Os artigos de acusação contra o seu companheiro de prisão Casimiro Pedro Matié ¹⁸, referem:

1- *"Ter sido mentalizado contra a presença dos portugueses em Moçambique pelos missionários suíços e por Dr. Eduardo Mondlane, que numa reunião efectuada em Ricatla, a que assistiram alguns pastores e missionários suíços se referia à intenção de criar um movimento para derrubar o Governo Português em Moçambique, necessitando para isso de colaboração de todos os africanos."*

2- *"Ter, nas reuniões do consistório da sua igreja, encorajado os catequistas e zeladores a mentalizarem os crentes a auxiliar a FRELIMO e nas reuniões a que presidia fazer ligeiramente, no final dos cultos, certas referências ao movimento chefiado pelo Dr. Eduardo Mondlane, a lutar pelo benefício dos africanos de Moçambique e que a liberdade estava para breve, frases proferidas sempre com o máximo cuidado, segundo instruções recebidas."*

(16) In: HONWANA, Gita (1982). UM EPISÓDIO DE JUSTIÇA COLONIAL: O CASO DE ZEDEQUIAS MANGANHELA. "Justiça Popular". Maputo: Ministério da Justiça. p. 14.

(17) Idem

(18) Vg. cópia do original em anexo 1

3- *Ter ouvido diariamente em sua casa o programa de rádio da VOZ DA FRELIMO que lhe dava enorme coragem para prosseguir a mentalização dos crentes ligados à Missão."*

4- *"Ter contribuído com a importância de cento e cinquenta (sic) escudos por (sic) ano para auxílio à FRELIMO, sendo de sessenta e nove mil escudos a quantia realizada, no ano de mil novecentos e setenta e um, na sua igreja que se destinava à referida organização subversiva exercendo presentemente o cargo de vice-presidente do Conselho Sinodal."*

No processo de detenções e prisões que ocorreram em 1972, havia acusações contra a Igreja Presbiteriana de Moçambique (IPM) e contra o Department Missionaire des Eglises Protestantes de la Suisse Romande (DM). Em Lourenço Marques, corriam rumores da existência de possíveis ligações entre o DM de Lausanne por um lado, e a IPM de Moçambique, por outro lado, com a FRELIMO, os quais eram acusados de fazer colectas de dinheiro e enviá-lo para a sede da FRELIMO, na Tanzania.¹⁹

A polícia secreta portuguesa procurava encontrar a qualquer custo matéria de acusação para incriminar os protestantes (em particular a Igreja Presbiteriana), acusando-os de fomentar e desenvolver "actividades subversivas" em Moçambique, sob a capa de actividades religiosas. As viagens de trabalho dos líderes Presbiterianos à Suíça, o facto de Eduardo Mondlane ter sido educado pelos missionários suíços e de alguns elementos pertencentes à FRELIMO terem igualmente crescido nas tradições de educação dos missionários suíços, aos olhos do governo colonial poderiam constituir uma possível indicação da existência de uma ligação secreta entre a FRELIMO e a Igreja Presbiteriana - Departamento Missionário das Igrejas Protestantes da Suíça Romana.

Entre Zedequias Manganhela e Eduardo Mondlane, no período da juventude havia crescido uma amizade tão sólida e fraternal que a ausência prolongada de Mondlane no período de estudos e trabalho nos Estados Unidos, ou na Tanzania como Presidente da FRELIMO, não conseguiu apagar. Nas sessões de interrogatórios a que foi submetido pela PIDE²⁰, Manganhela não esconde essa ligação existente entre ambos, reconhecendo mesmo

(19) Vg. D.M. Z 58 (1) "Bref Memorandum sur la situation de l'Eglise Presbyterienne au Mozambique". 08.01.1973

(20) Vg. HONWANA, Gita (1982). op. cit.

ter-se encontrado com Mondlane na Suíça, entre 1966 e 1967. Sabemos ainda de fontes seguras²¹ que os missionários suíços facilitaram alguns encontros secretos entre ambos, sem que as datas e conteúdo dos mesmos nos tivessem sido revelados.

A interpretação dos textos Bíblicos permite facilmente encontrar uma mensagem de liberdade. Segundo os nossos testemunhos, as pregações de Manganhela iam ao encontro dos anseios dos crentes ao transmitirem mensagens de encorajamento, permitindo-lhes frequentemente a cada um estabelecer um paralelo entre o texto sagrado e a situação vivida em Moçambique.

Como catequista-professor e instrutor, Manganhela trabalhou muito com a juventude. Parece portanto evidente, que ele tenha contribuído para a formação da personalidade desses jovens, dando-lhes uma educação cristã, mas onde eram introduzidas através dos "mitlawa", componentes que permitiam desenvolver o espírito de responsabilidade, prática de auto-gestão e liderança de grupos, e onde as actividades de recreação levavam os jovens a desenvolver nos seus espíritos a imaginação, a criatividade e o espírito de iniciativa. Tudo isto, entra em contradição com o sistema de educação preconizado pelo Governo colonial português e como tal, visto com suspeita.

No processo de interrogatórios feitos pela PIDE, Manganhela reconheceu²² "(...) que simpatizava com a ideia de independência, que embora não com acções directas, apoiava os ideais da Frente de Libertação de Moçambique, sem omitir, contudo, que o seu primeiro dever era para com os crentes da sua paróquia. A sua primeira preocupação era a de "servir a Deus", pregando para os homens".

Na base da amizade existente entre Mondlane e Manganhela e suas actividades como Pastor e educador da juventude, bem como de todas as actividades realizadas pela Igreja Presbiteriana de Moçambique na área social, a PIDE encontrou a argumentação necessária para preparar o auto de acusação contra Manganhela, visando assim, mesmo que de uma forma indirecta, a própria Igreja. Fabricar os testemunhos, com depoimentos fornecidos por

(21) Vg. André - Daniel Clerc e Charles Perire, entrevistados por Tereza Cruz e Silva e Alexandrino José. Lausanne: 21.10.1985; 01.11.1985 e 23.10.1985.

(22) Vg. HONWANA, Gita (1982) op. cit.

informadores da PIDE²³, ou arrancados à força de torturas físicas e psicológicas²⁴, era uma actividade com a qual a PIDE estava já familiarizada. Era apenas uma questão de tempo!

O silêncio prudente existente no seio dos crentes e dirigentes da Igreja Presbiteriana, uma medida para prevenir a repressão do regime, levou à formação de grupos tão restritos que hoje se torna difícil confirmar ou não se haveria alguma ligação entre Manganhela e a FRELIMO. Os únicos factos que os informadores nos dão como certos é que as visitas de Manganhela ao Norte de Moçambique tinham, um carácter estritamente profissional, e que as colectas de fundos se destinavam exclusivamente ao uso da Igreja. Quanto ao estimular jovens para ingressarem nas fileiras da FRELIMO, isso é interpretado pela maioria dos informantes como algo que qualquer Pastor ou educador da juventude poderia fazer, mesmo involuntariamente através dos métodos de trabalho utilizados e das mensagens que cada um podia transmitir através dos textos sagrados. Seria difícil afirmar que teria havido um recrutamento!

Uma leitura das fontes disponíveis, deixa contudo claro que independentemente do envolvimento ou não de Manganhela com a FRELIMO, era preciso encontrar culpados através dos quais se pudesse incriminar a Igreja Presbiteriana e os suíços²⁵.

(23) Idem.

(24) Vg. Entrevista de Casimiro Matié a Teresa Cruz e Silva e Alexand. in José, Chicumbane, 29/01/93.

(25) No artigo de HONWANA, G. (1982) p. 17 Op. cit. verifica-se que a PIDE obteve uma "confissão" de Manganhela provando o seu envolvimento e o da Igreja em Moçambique e na Suíça com Eduardo Mondlane e a FRELIMO.

3. ESTADO COLONIAL-IGREJAS PROTESTANTES, QUE RELAÇÃO?

Em 1948, a "Missão Suíça" (Igreja Presbiteriana) em Moçambique toma a decisão de diminuir o número de Pastores Suíços ao serviço de Moçambique e restringe a ajuda financeira do exterior às suas obras de carácter social (hospitais; educação; agricultura; etc.).

Em 1962, a Igreja de Moçambique e a Missão Suíça assinam uma primeira convenção que é depois formulada de modo mais claro em 1970.

Em 1968, depois de um Sínodo em Chicumbane, a Igreja prioriza o trabalho com as províncias do Norte. Na sequência disto, o Pastor Khossa²⁶ fixa residência em Nampula e com o apoio do Pastor Manganhela trabalha na zona Norte do país.

A evolução da situação política em Moçambique, depois da proclamação do Estado Novo, levou as Igrejas Protestantes a procurarem novos métodos de trabalho. Um esforço muito grande é feito pela Igreja Presbiteriana visando a formação de quadros que respondam ao seu projecto de africanização da Igreja. Em 1970, depois de aclarada a convenção de autonomia, o Departamento Missionário cede todos os bens à Igreja de Moçambique. Os missionários europeus passam a trabalhar sob uma direcção africana, uma vez que a Igreja Presbiteriana de Moçambique se torna autónoma em relação à Missão²⁷.

Tal como a Igreja Presbiteriana, a Metodista iniciou um processo de africanização. Desde 1964 que o líder episcopal era um Bispo moçambicano e que muitos lugares a nível de base eram

(26) Félix Khossa, depois da sua formação em Moçambique prosseguiu os seus estudos de Teologia em Portugal, no Seminário Evangélico de Carcavelos. Aí, foi perseguido e preso pela PIDE. Destacado pela Igreja, trabalha em Nampula apoiando a zona Norte. É de referir, que a implantação das Igrejas Protestantes nas zonas Centro e Norte do país foi limitada pelo Estado Colonial, e por consequência circunscrita a algumas áreas, e alvo de um controle estrito.

(27) Vg. MOZAMBIQUE DECHIFFRER LES EVÉNEMENTS, In: L'Actualité Missionnaire (5). Lausanne. pp. 99-100.

dirigidos por Pastores moçambicanos. Contudo, tratava-se de um processo muito mais cauteloso, na medida em que até 1975, missionários americanos continuavam a ocupar alguns postos importantes.

Como já referimos anteriormente, as Igrejas Protestantes nunca foram vistas com bons olhos pelo Estado colonial, que as tolerava relutantemente porque se encontravam protegidas por convenções internacionais. A história destas Igrejas está repleta de exemplos de intimidação, perseguições e prisões de crentes e trabalhadores da Igreja. Os próprios missionários foram frequentemente admoestados, interrogados pela polícia secreta, ou até impedidos de entrar em Moçambique²⁸.

Com a fundação da FRELIMO em 1962, presidida por Eduardo Mondlane (educado nas tradições da Missão Suíça), e o início da luta armada de libertação, a polícia aperta o cerco contra os presbiterianos.

O período que se segue à assinatura da convenção entre a Igreja Presbiteriana de Moçambique e o Departamento Missionário das Igrejas Protestantes da Suíça Romana é marcado por um crescer de acções violentas e repressivas do regime, onde os massacres contra civis inocentes no Norte de Moçambique são a "gota de água" para fazer transbordar a taça.

A Igreja Católica em Moçambique divide-se entre os que não aceitam a ambiguidade de uma instituição que caminha de mãos dadas com o poder e os que são apologistas do regime. A expulsão dos "Padres Brancos" de Moçambique em 1971, depois de terem anunciado a sua retirada por não estarem dispostos a trabalhar numa situação em que a Igreja joga um papel ambíguo, fazendo o jogo do poder, e o processo de prisões e expulsões de padres católicos entre 72 e 74 são alguns dos sinais da crise.

A tensão existente nas relações entre o Estado e Igrejas Protestantes cresce na razão directa do crescimento da guerra. Uma Igreja independente do ponto de vista administrativo e financeiro, liderada por moçambicanos num país sob dominação portuguesa, era um facto absolutamente inaceitável e intolerável para as autoridades portuguesas. As prisões de líderes e crentes de diferentes

(28) André-Daniel Clerc entrevistado por Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, em Lausanne a 21 de Outubro e 1 de Novembro de 1985, pode ser citado como exemplo. O caso do Bispo R. Dodge (Metodista), impedido de entrar em Moçambique várias vezes e de aí fixar residência é outro exemplo a utilizar para ilustrar esta afirmação.

Igrejas Protestantes, entre as quais, as adventistas, congregacionistas sionistas e wesleyanas, para além dos Presbiterianos, a maioria das quais ligadas a missões estrangeiras, reflectem com bastante clareza a incompatibilidade das relações entre Estado e Igrejas Protestantes e a situação alarmante que se vivia no país.

Os missionários suíços dividiam-se grosseiramente, entre uma ala conservadora para quem "os ventos de mudança" nem sempre foram vistos favoravelmente e uma ala mais aberta e progressista. Contudo, os acontecimentos de 60 e 70 levaram a uma demarcação clara das suas posições e a um distanciamento em relação ao Estado Colonial.

4. NOTAS FINAIS

Zedequias Manganhela é aprisionado pela polícia secreta portuguesa em Junho de 1972, alegadamente por exercício de actividades subversivas. No mesmo processo outros elementos da Igreja Presbiteriana de Moçambique (IPM), perfazendo 37 pessoas, são encarceradas nas prisões da PIDE/DGS.

O Departamento Missionário das Igrejas Protestantes da Suíça Romana (DM) desencadeia uma série de acções visando esclarecer a razão das prisões. Na sequência deste processo, em Setembro de 1972 dois delegados do DM são autorizados a visitar alguns dos prisioneiros que desde Junho, não tinham tido contacto algum com os seus familiares ou advogados. Nada impediu no entanto, que Manganhela e Sidumo tivessem sido mortos violentamente. Particularmente depois destas mortes, redobram os esforços na esfera diplomática para solicitar a abertura de um inquérito internacional sobre as mortes dos dois Pastores e para pedir a defesa dos prisioneiros políticos. Participam neste processo o DM, o Comité Internacional da Cruz Vermelha e a Comissão Internacional de Juristas. A Igreja Evangélica de Lisboa escreve cartas de protesto a Caetano e

desencadeia uma série de acções para que a missão do DM seja recebida pelas autoridades portuguesas.

Em 1973 três membros do DM são recebidos pelo Governador-Geral de Moçambique solicitando esclarecimentos sobre a morte dos prisioneiros. Do inquérito ordenado pelo governo nunca houve resposta. Na posse de informações cuidadosamente preparadas pelo DM, em Agosto de 1973 o Presidente da Comissão Internacional de Juristas denunciou esta situação à ONU, "Comissão dos 24". No mesmo ano o DM vem a Lourenço Marques para organizar a defesa dos prisioneiros. Em Fevereiro de 74 uma missão do DM é recebida por Marcelo Caetano que não aceita os seus pontos de vista, pedindo-lhes que não insistissem no problema da morte de alguns "moçambicanos culpados"²⁹. O depoimento de Andrié³⁰ esclarece bem este processo: "Foi um momento dramático. Lembro-me que telefonámos desde aqui à PIDE para dizer, então, prometeram libertar o Sr. Macavi quando vão libertar? etc. Brincaram connosco, até à morte do Sr. Manganhela. Foi realmente o sinal de alarme, não é? Até o Ministro do Ultramar em Lisboa, não compreendia por que um simples, desculpe dizer, negro merecia tanta atenção no mundo! não é?"

O colonialismo português privilegiou a forma repressiva e violenta da dominação. Os caminhos sinuosos percorridos pela comissão do DM visando mobilizar a opinião pública internacional sobre o que se passava em Moçambique não demoveram o governo colonial. O processo de acusação movido a Manganhela e a seus companheiros, a violência das mortes de Manganhela e Sidumo que visavam atingir a Igreja Presbiteriana e os missionários suíços, ilustram perfeitamente a tensão existente nas relações entre o Estado Colonial e as Igrejas Protestantes e o demarcar cada vez mais claro e distante de posições entre o Estado Colonial e a Igreja Presbiteriana.

(29) Para mais informações vg. D.M. 1973 Z 58 (1) "COMISSÃO INTERNACIONAL DE JURISTAS" - Geneva; D.M. MOZ/E 1972. Z 58 "DELEGATION DU DEPARTMENT MISSIONNAIRE ROMAND AU MOZAMBIQUE"; MOZAMBIQUE DECHIFFRER LES EVENEMENTS". L'Actualité Missionnaire (5). Lausanne. pp. 99-100.

(30) Andrié, entrevista citada

ANEXO 1

Vistos os autos deduzto contra os arguidos, a seguir identificamos os seguintes artigos de acusação:

269

--- Casimiro Pedro Matti, casado, pastor da Missão Suíça no Chamanculo, nascido a um do Fvverodiro de mil novecentos e sete, natural da rogedoria Janguene, do posto administrativo da sede, do concelho do Gaza, distrito do Gaza, filho do pais incógnito e residente na rua de Gilox numero quatrocentos e oitenta e três doze, no Chamanculo, encontra-se em liberdade mediante termo de identidade e residência (folha 21/4498 e 21/4499, 6 censado de (folha 7/1149).

I

--- Ter sido mentalizando contra a presença dos portugueses em Moçambique pelos missionários suíços e por Dr. Eduardo Mondlane, que numa reunião efectuada em Niçtla, a que assistiram alguns pastores e missionários suíços, se referia á intenção de criar um movimento para derrubar o Governo Português em Moçambique, necessitando para isso da colaboração de todos os africanos.

ii

--- Ter, nas reuniões do consistorio da sua igreja, encorajado os catiguilias e zeladores a mentalizarem os crentes a auxiliar a Frelimo, e nas reuniões a que presidia fazer ligeiramente, no final dos cultos, certas referencias ao movimento chefiado pelo Dr. Eduardo Mondlane, a lutar para beneficio dos africanos de Moçambique e que a liberdade estava para breve, frases proferidas sempre com o maximo cuidado, segundo as instruções recebidas.

iii

--- Ter ouvido diariamente em sua casa o programa de rádio da Voz da Frelimo que lhe deu enorme coragem para prosseguir a mentalização dos crentes ligados á Missão.

iv

--- Ter contribuido com a importância de cento e cinquenta escudos por ano para auxílio á Frelimo, sendo de sessenta e nove mil escudos a quinta realizada, no ano de mil novecentos e setenta e um, na sua igreja, que se destinava á referida organização subversiva, ~~presentemente a cargo~~ de vice-presidente ~~presentemente~~ o cargo de vice-presidente do Conselho Sinodal.

Notifiquem-se os arguidos de que lhes concede o prazo de dez dias para aduzirem, querendo, a sua defesa escrita, e produzirem testemunhas, juntando documentos e requerendo quaisquer diligências que tenham por necessárias para justificar as infracções que lhes são imputadas, podendo, dentro daquele prazo e durante as horas de expediente, consultar o processo na Delegação da Direcção Geral de Segurança onde lhes deverás facultado.

Entregue-se aos arguidos, no acto da notificação, cópia da nota de culpa na parte que lhes compete, advertindo-se de que a falta de respecta será tida como efectiva audição para todos os efeitos legais.

Solicita-se á Delegação da Direcção Geral de Segurança as diligências necessárias.

Lourenço Marques, 10 de Agosto de 1973.

Assinatura:

Raul Luis de Melo Valente

Vistos os autos deduzo contra, os arguidos, a seguir identificados, os seguintes artigos de acusação:

26º

- Casimiro Pedro Matié casado pastor da Missão Suíça no Chamanculo, nascido a um de Fevereiro de mil novecentos e sete, natural da regedoria Languene, do posto administrativo da sede, do concelho de Gaza, distrito de Gaza, filho de pais incógnitos e residente na rua de Cilex número quatrocentos e oitenta traço doze, no Chamanculo. Encontra-se em liberdade mediante torno de identidade e residência (folhas 21/4498 e 21/4499, é acusado da (folha 7/1149). i
- Ter sido mentalizado contra a presença dos portugueses em Moçambique pelos missionários suíços e por Dr. Eduardo Mondlane, que numa reunião efectuada em Ricatla, a que assistiram alguns pastores e missionários suíços, se referia à intenção de criar um movimento para derrubar o Governo Português em Moçambique, necessitando para isso da colaboração de todos os africanos. ii
- Ter, nas reuniões do consistório da sua igreja, encorajado os catequistas e zeladores a mentalizarem os crentes a auxiliar a Frelimo, e nas reuniões a que presidia fazer ligeiramente, no final dos cultos, certas referências ao movimento chefiado pelo Dr. Eduardo Mondlane, a lutar para benefício dos africanos de Moçambique e que a liberdade estava para breve, frases proferidas sempre com o máximo cuidado, segundo as instruções recebidas. iii
- Ter ouvido diariamente em sua casa o programa de rádio da VOZ DA FRELIMO que lhe dava enorme coragem para prosseguir a mentalização dos crentes ligados à Missão iv
- Ter contribuído com a importância de cento e cinquenta escudos por ano para auxílio à Frelimo, sendo de sessenta e nove mil escudos a quantia realizada, no ano de mil novecentos e setenta e um, na sua Igreja, que se destinava à referida organização subversiva, exercendo presentemente o cargo de vice-presidente do Conselho Sinodal.

Notifiquem-se os arguidos de que lhes concedo o prazo de dez dias para deduzirem, querendo, a sua defesa escrita, oferecendo testemunhas, juntando documentos e requerendo quaisquer diligências que tenham por necessárias para justificar as infracções que lhes são imputadas, podendo, dentro daquele prazo e durante as horas de expediente, consultar o processo da Delegação da Direcção Geral de Segurança onde lhes deverá ser facultado.

Entregue-se aos arguidos, no acto da notificação, cópia da nota de culpa na parte que lhes respeita, advertindo-se de que a falta de resposta será tida como efectiva audição para todos os efeitos legais.

Solicita-se à Delegação da Direcção Geral de Segurança as diligências necessárias.

Lourenço Marques, 10 de Agosto de 1973.

Assinatura:

Raul Luis de Melo Valente